

MARIA DE FÁTIMA DA SILVA GUIMARÃES

**ECONOMIA DE COMUNHÃO. A EXPANSÃO DO MOVIMENTO DOS
FOCOLARES NO BRASIL.**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
APRESENTADO COMO REQUISITO BÁSICO PARA
OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHARELADO E
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, ORIENTADO
PELO PROFESSOR GIOVANE MOTA.

Belém-PA
Junho de 2006

MARIA DE FÁTIMA DA SILVA GUIMARÃES

ECONOMIA DE COMUNHÃO. A EXPANSÃO DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES NO BRASIL.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Cincinato Marques

Prof. Giovane Mota

Profa. Vanda Pantoja

CONCEITO: _____

Belém, ____/____/____.

Belém-PA
Junho de 2006

DEDICATÓRIA

A Deus.

À Chiara Lubich.

Aos meus pais, Alfredo Seabra Guimarães e
Maria das Graças da Silva Guimarães.

Minhas irmãs, Maria do Carmo da Silva
Guimarães, Maria do Socorro da Silva
Guimarães, Marluce da Silva Guimarães e
Maria de Nazaré da Silva Guimarães.

A todos meus amigos e familiares, de modo
especial aos meus avós (in memoriam).

E a todos os membros do Movimento dos
Focolares.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me criado, amado e feita cristã.

À Chiara, pela luz do carisma da Unidade.

Aos meus pais e irmãs, pelo amor.

Ao professor Giovane, pela orientação, tornando possível a realização deste trabalho.

A todos meus amigos da universidade, de modo particular à Kelen, Katiane e Raquel, pelos momentos compartilhados nesses cinco anos de curso.

A todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho.

E de modo especial à Alessandra Rossi e sua família.

“Geografia e religião se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, e a outra porque como fenômeno cultural, ocorre espacialmente”.

Zeny Rosendhal.

RESUMO

“Economia de Comunhão. A expansão do Movimento dos Focolares no Brasil” tem por objetivo, a partir da Geografia Cultural, analisar pela abordagem da Geografia da Religião, o Movimento dos Focolares, sua origem, cultura e difusão, no primeiro momento, de forma abrangente, para posterior análise do Movimento dos Focolares no Brasil. Em 1991, Chiara Lubich, fundadora e presidente do Movimento, visita o Brasil e diante das desigualdades sociais expressas na paisagem de São Paulo, lança o Projeto de Economia de Comunhão, uma vez que a comunhão de bens realizada no âmbito do Movimento não estava suprindo a necessidade de seus membros, Chiara propõe que surjam empresas que dividam os seus lucros em três partes: uma para incrementar a empresa, outra para ajudar aos necessitados do Movimento, e outra parte para a criar estruturas para a formação de “homens novos”. Hoje, a comunhão de bens realizada pelos membros do Movimento e juntamente com a partilha dos lucros das 756 empresas da EdC, estão ajudando cerca de 12 mil pessoas mundialmente, uma vez que o projeto surge no Brasil, mas pelo fato do Movimentos dos Focolares se apresentar em escala mundial, ele(o projeto) se expande para outros países.

Palavras-chaves: Movimento dos Focolares, expansão, cultura da partilha, Economia de Comunhão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I- GEOGRAFIA CULTURAL.....	12
1.1- A geografia cultural no Brasil.....	16
II- GEOGRAFIA DA RELIGIÃO.....	19
2.1- Fé, espaço e tempo: difusão e área de abrangência.....	19
2.2- Os centros de convergência e irradiações.....	20
2.3- Religião, território e territorialidade.....	21
III- MOVIMENTO DOS FOCOLARES.....	23
3.1- Origem do Movimento dos Focolares.....	24
3.2- Objetivo do Movimento dos Focolares e sua difusão espacial.....	25
3.3- Centros de irradiação e organograma do Movimento dos Focolares.....	27
3.4- Espaços para congregação.....	30
3.5- Meios de difusão da cultura da Unidade.....	31
3.6- Fundos de participação e sustentação do Movimento dos Focolares.....	34
IV- MOVIMENTO DOS FOCOLARES NO BRASIL E A ECONOMIA DE COMUNHÃO.....	37
4.1- O Movimento dos Focolares no Brasil.....	37
4.2- Caminhos da Economia de Comunhão no Brasil.....	39
4.3- Características da Economia de Comunhão.....	42
4.4- Informações sobre as empresas da Economia de Comunhão.....	43
4.5- Empresas da Economia de Comunhão no Pará.....	45
CONCLUSÃO.....	47
BIBLIOGRAFIA.....	49

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Organograma	
Organograma do Movimento dos Focolares.....	29
Mapa	
Mapa de algumas Mariápolis Permanentes.....	33
Tabela	
Tabela da evolução do número de empresas que aderiram à EdC.....	44
Quadro	
Quadro das empresas por setores da EdC.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EdC: Economia de Comunhão.

gen: geração nova.

gen 2: segunda geração do Movimento dos Focolares.

gen 3: terceira geração do Movimento dos Focolares.

gen 4: quarta geração do Movimento dos Focolares.

gen 5: quinta geração do Movimento dos Focolares.

Mov.: Movimento.

NEPEC: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura.

ONU: Organização das Nações Unidas.

PA: Pará.

INTRODUÇÃO

“Economia de Comunhão. Expansão do Movimento dos Focolares no Brasil”. É um trabalho que dentro da Geografia Cultural, abordada no primeiro capítulo, procura, através dos estudos dessa corrente geográfica sobre as manifestações religiosas, apresentada no segundo capítulo, compreender o Movimento dos Focolares, um Movimento católico formado por leigos e difundido por todos os continentes, este compreendido no terceiro capítulo.

O Movimento dos Focolares possui vários elementos que podem ser investigados pela ótica geográfica, mas o presente estudo procura se restringir à origem e à expansão do Movimento dos Focolares no Brasil, para compreender o fenômeno da Economia de Comunhão (EdC), expresso no quarto capítulo.

Este trabalho apresenta os seguintes objetivos:

- Compreender as razões do espaço brasileiro que levaram ao surgimento da Economia de Comunhão no âmbito do Movimento dos Focolares no Brasil, em 1991;
- Entender a essência da Economia de Comunhão;
- Observar se ela se restringe à escala nacional, por ter surgido no Brasil ou se a EdC, assim como o Movimento dos Focolares se apresenta em escala global;
- Conhecer os setores econômicos e as ramificações que a EdC engloba;
- Investigar se no Estado do Pará há empresa que surgiram do Projeto ou a ele aderiram, uma vez que há presença do Movimento nesse Estado.

A preferência pela temática desta pesquisa dá-se pelo fato de que há um conhecimento concreto da cultura da partilha, pois sendo membro do Movimento dos Focolares, percebendo a abrangência e o funcionamento da EdC optou-se por investigá-la por ser uma expressão concreta da cultura da partilha.

Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e a pesquisa participativa, também como fonte de informações, sites da internet para atualização de alguns dados.

I – GEOGRAFIA CULTURAL.

A análise cultural da sociedade em geografia se inicia na Europa no final do século XIX e início do século XX, apresentando como centro a paisagem cultural, compreendida como o resultado da modificação da paisagem natural pela ação humana. Nesse período para geografia toda alteração na natureza provocada pelo homem, era cultura. Era cultura não tanto porque o homem era o autor das alterações, mas sim porque alterava o meio natural, pois o centro da análise geográfica era o meio natural. O homem apenas se adaptava as condições naturais, e esta determinava suas ações.

Contudo, é nos Estados Unidos que a geografia cultural apresenta plena identidade, graças à contribuição de Carl Sauer e seus discípulos. Carl Sauer avança nos estudos nos estudos geográficos quando passa a ver o homem como mais um agente modificador da paisagem natural, mas não no sentido de homem ser estudado pela geografia porque modifica a natureza, mas sim por proporcionar alterações físicas á natureza, por ser um agente ou o agente da modificação, esta pode se dá, por exemplo, pela construção de moradias, dos locais de trabalhos, e vias de circulação. Logo, a geografia cultural proposta por Sauer (1932), é a geografia que se interessa pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. Sauer propõe a partir do estudo das características, o estudo de área cultural, onde cada área possui um conjunto de formas independentes que as diferencia de outras áreas. O geógrafo, segundo Sauer (1932), mapeia a distribuição das marcas do uso humano sobre a superfície, agrupando-as em associações, descreve-as desde sua origem e sintetiza-as em sistemas comparativos de áreas culturais.

O núcleo central da Escola de Berkeley (1925-1975) – denominação dada aos geógrafos que se reuniram em torno das idéias de Carl Sauer, nos Estados Unidos, Califórnia, no campus de Berkeley, que depois se espalharam para outras universidades - é apresentado por Philip L. Wagner e Marvin W. Mikessel (1962), eles dividem a abordagem da Geografia Cultural em alguns temas, entre eles: cultura, área cultural, paisagem cultural e história da cultura. Que serão abordados a seguir.

A cultura refere-se ao grupo de seres humanos unidos, ligados através de características comuns, localizados no mesmo espaço. A comunicação nos grupos culturais é possível através dos símbolos comuns a cada grupo, esta é facilitada quando o grupo cultural ocupa a mesma área, mas uma cultura pode se difundir quando os membros do grupo se deslocam para além da área de seu grupo, ou quando os valores ou símbolos de uma cultura se sobrepõem a outras em outros territórios.

Uma das grandes particularidades de cada cultura são as várias formas de linguagem.

A importância em estudar a cultura para a geografia cultural está em, através do conhecimento dos grupos culturais, compreender o tipo de transformação que o grupo foi capaz de realizar em seu habitat, desconsiderando, neste momento da Geografia Cultural, o funcionamento interno da cultura e padrões de comportamento.

Para a geografia, segundo Wagner e Mikessel (1962), área cultural é a localização, determinação, delimitação do espaço em que ocorrem as manifestações culturais das comunidades humanas.

Para a delimitação da área cultural, é importante entender a da distribuição da cultura no passado, ou seja, estudar a origem, história da cultura, e também como a cultura se manifesta no presente. Essas áreas podem compreender pequenos territórios, cuja comunidade cultural habita ou até mesmo grandes áreas.

A língua falada para o mapeamento da área cultural apresenta grande importância para o geógrafo cultural, pois ela permite delimitar a área cultural através da particularidade de cada língua ou idioma. No entanto, outros elementos são apresentados como importantes para a delimitação da área cultural, como a religião, uma vez que cada manifestação religiosa ocorre em um espaço específico para cada grupo religioso, e a economia, pois as atividades econômicas serão específicas a cada área, pois as áreas não apresentam as mesmas vocações econômicas.

“(...) refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural”. (WAGNER e MIKESSELL, 1962, p.36)

De acordo com os autores citados acima, a importância da paisagem cultural para a Geografia Cultural é que ela possibilita a classificação das regiões, a observação das transformações provocadas pelo homem na natureza e a observação de diferentes paisagens devido a diversas comunidades culturais.

A paisagem cultural é o produto da relação de comunidades humanas, com seu potencial cultural, e os atributos naturais de um determinado território, por exemplo, uma área natural composta por uma floresta intocável, que passa a ser habitada por uma comunidade cultural, essa provavelmente provocará transformações na natureza, pois a construção de habitações, derrubada de árvores, altera a constituição original da floresta e transforma a paisagem. O processo de

constituição da paisagem é importante, pois permite através de seu claro processo formativo, esperar um desenvolvimento similar em outra área que apresenta as mesmas características culturais e naturais.

Ainda, segundo eles, grande parte das paisagens culturais não se formou contemporaneamente, ou seria melhor dizer que poucas são resultados de processos contemporâneos. As paisagens culturais são resultado da evolução de processos históricos, elas refletem a influência das migrações, das atividades econômicas do passado e do presente e da evolução tecnológica.

A história dos grupos humanos torna-se conhecida pela manifestação da distribuição e alteração da fauna e da flora, dos estudos arqueológicos, lingüistas, dos documentos, tradições orais etc. Essa gama de conhecimentos procurou responder a origem no tempo e no lugar, das características culturais do grupo investigado.

Outro ponto é a difusão cultural dentro da história da cultura. Esta difusão ocorre e provoca o deslocamento de pessoas de uma cultura, porém, a cultura não se difunde somente através das manifestações culturais, ela pode ocorrer pelo contato pessoal ou pela aculturação, sem necessariamente apresentar um amplo movimento migratório.

A Geografia Cultural sofre influência das mudanças que ocorreram na década de 1980 em escala mundial. Entre elas: o fim da guerra fria, o aumento dos fluxos migratórios dos países periféricos para os centrais, mudanças econômicas e os movimentos ecológicos. Essas alterações modificam o conceito da cultura, esta passa a ser o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores presentes no cotidiano das relações das sociedades de classes. A palavra-chave da Geografia Cultural passa a ser 'significado'.

Para Claval (1997), a Geografia Cultural moderna colocou o homem no centro de sua análise. É importante ainda analisar as transformações na natureza provocadas pelo homem, porém, mais importantes são as razões que levaram a provocá-las, e cabe a Geografia Cultural conhecer, entender como cada comunidade ou grupo concebe, procura transformar o mundo. Pois a compreensão da cultura passa pela experiência de vida das pessoas, do grupo em estudo. Descobrendo assim, como as atitudes, os objetivos coletivos são construídos.

É interessante a importância que Claval dá a comunicação para a cultura. Segundo ele, a cultura se forma a partir da circulação das informações entre os indivíduos, e possibilita a ação dos mesmos.

“Como fundamento das identidades, a cultura reúne os homens ou os separa. Quando as pessoas aderem as mesmas crenças, dividem os mesmos valores e associam suas existências a objetivos próximos, nada opõe a que eles se comuniquem livremente entre si”.
(CLAVAL, 1997, p.105)

1.1- A Geografia Cultural no Brasil.

A Geografia Cultural no Brasil apresenta abordagem de pouco mais de vinte anos. O NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura), criado em 1993, no Rio de Janeiro, no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e o periódico Espaço e Cultura, com as primeiras publicações em 1995, demonstram como as abordagens são recentes. Para Corrêa e Rosendahl (2003), a Geografia Cultural brasileira subdivide-se em quatro grandes temas, que são:

O primeiro deles, a **paisagem cultural**, nada mais é do que a modificação do espaço pelo homem repleto de significado, onde a geografia busca compreendê-

lo. Ela se subdivide em paisagens urbanas, rurais, de áreas segregadas, desertas de aspectos naturais ou humanos.

Agora, falando das **regiões culturais brasileiras**, todas marcadas por transformações sofridas em escala temporal no passado, e outras que ainda passam por transformações, são divididas em nove: Nordeste Agrário do Litoral, Mediterrâneo Pastoril, Amazônia, Planalto Minerador, Centro-Oeste, Extremo-Sul Pastoril, Zonas de colonização estrangeira, Área do café e Faixa Urbano-industrial.

Com relação à **religião**, onde se estuda o catolicismo, os cultos evangélicos, cultos afro-brasileiros e outras manifestações religiosas, destacam-se neste tema as abordagens espaciais do sagrado e profano.

Já **cultura popular**, coloca em relevo o significado de práticas espaciais presentes no cotidiano (as festas e músicas populares, entre outras manifestações), opostas à cultura hegemônica.

Dentre esses quatro temas, a religião, será abordada a seguir com mais profundidade, uma vez que, esse será a base teórica desta pesquisa. Entretanto, antes de falarmos das proposições temáticas para análise das religiões e grupos religiosos proposta por Rosendahl, falaremos da influência dos estudos religioso-geográficos em três escolas geográficas.

A escola positivista que se restringe a observar o externo dos fenômenos, o seu lado empírico, não consegue compreender e explicar a fé, a existência de Deus.

Para o pensamento positivista, o homem é mais um elemento da natureza, desconsiderando seu caráter social. Assim, as relações estudadas pelos positivistas são sempre entre o homem e a natureza, e os estudos religiosos realizados pelos geógrafos positivistas giravam em torno dos efeitos das

manifestações religiosas sobre a paisagem, mostrando um caráter superficial de análise. Outro entrave para os estudos sobre a religião para o positivismo é sua concepção a-histórica, com grande valorização do presente, então, como explicar as grandes religiões no presente, como o islamismo, budismo, cristianismo, sem compreender seu passado, sua origem, sua história.

Já os geógrafos críticos, preocupados com a análise da sociedade que reflete as contradições capitalistas, e mesmo se esses com suas idéias fundadas no materialismo histórico e dialético se contrapunham à neutralidade da geografia quantitativa, o tema religião não encontrou defensores críticos.

Enfim, a geografia humanista coloca o homem no centro de sua investigação. Para essa escola são importantes os valores, objetivos de vida, propósitos e significados que o homem carrega. São os geógrafos humanistas, e defensores da investigação pela abordagem subjetiva, que propõem uma investigação em que a geografia da religião se dedica a compreender o significado da religião para a pessoa, como também as características do espaço geográfico devido à vida e práticas religiosas. Estes geógrafos humanistas são contrários ao reducionismo humano.

II - GEOGRAFIA DA RELIGIÃO.

“O homem sempre fez geografia, mesmo se não soubesse ou que não reconhecesse formalmente uma disciplina denominada geografia. A religião, por outro lado, sempre foi parte integrante da vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida. Ambas, geografia e religião se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, e a outra porque como fenômeno cultural, ocorre espacialmente”. (ROSENDAHL, 1994, p. 9)

Zeny Rosendahl divide o tema geografia da religião em alguns subtemas, como: fé, espaço-difusão e área de abrangência; centros de convergência e irradiação; e religião, território e territorialidade. Esses temas serão analisados separadamente, o que não significa que entre eles não haja relação, pois um contribui para a percepção e análise do outro em muitos momentos.

2.1- Fé, espaço e tempo: difusão e área de abrangência.

Segundo Rosendahl (2002, p. 50), “a fé nos classifica como crentes e descrentes. A fé identifica o crente num sistema religioso e o investe de poderes que só ele adquire em sua experiência religiosa”. A parte que interessa ao geógrafo é analisar a experiência de fé na escala temporal e espacial de sua ocorrência, ou seja, perceber como as religiões se originaram, difundiram-se e como elas modificam a relação homem-meio.

Por exemplo, o cristianismo, religião universal fundada por Jesus Cristo, apresenta ampla difusão quando Constantino, imperador romano, converte-se ao Cristianismo no ano de 337, e declara como religião oficial do império romano. O cristianismo passa a seguir a rota do comércio romano, atingindo também áreas vizinhas às rotas, fato que favoreceu a estabilidade política devido ao uso de línguas comuns, o grego e o latim, e também pela proteção às rotas do comércio e suas

estradas. Outros momentos importantes para a difusão do cristianismo são as grandes navegações.

A difusão do cristianismo, ou outra religião, ou mesmo movimento religioso, só é possível em grande escala através da conversão de pessoas, ou pela ação missionária, isto é, a migração de pessoas que portam a cultura religiosa para novos lugares.

2.2– Os centros de convergência e irradiações.

Este ponto diz respeito, em particular, aos templos, igrejas, os fixos, e as peregrinações, deslocamentos de peregrinos pelo espaço, os fluxos.

O fenômeno da peregrinação está presente em quase todas as religiões. No catolicismo, a cidade de Roma e Lourdes são os dois maiores centros de peregrinação. O mesmo é Meca para o islamismo, e Benares para os hindus, Mandala para os budistas, Lhasa para o iamaísmo e Kioto para os xintoístas.

A peregrinação para Meca, que teve início no século VII, continua até os dias atuais, é um dos grandes movimentos de deslocamento de pessoas no Oriente Médio. Pois, cada muçumano adulto deve fazer a peregrinação ao menos uma vez na vida. (ROSENDAHL, 2002).

No budismo, as peregrinações passaram a ocorrer depois da morte de Guatama Buda, no século VI, provavelmente iniciada pelos seus seguidores que buscavam os lugares onde acreditavam encontrar as cinzas de Buda, espalhadas na Índia. (ROSENDAHL, 2002).

No catolicismo, os lugares que se tornaram centros importantes de peregrinação são aqueles ligados diretamente a Jesus Cristo, aos santos, a Virgem

Maria e também lugares de aparições, ou lugares que guardam relíquias, os restos mortais dos santos. Esses lugares tornam-se centro de peregrinações por acreditar-se que os mesmos possuem uma graça divina especial.

Com relação aos santuários, eles podem ser internacionais, regionais ou locais. E, dependendo da escala e importância possuem características comuns, como a periodicidade das romarias, a estrutura comercial ao redor dos santuários dependente dos romeiros e o alto número de visitantes ao lugar. Em alguns países, como na Itália e na França devido a Roma e Lourdes, há uma estrutura turística ligada à religião. (ROSENDAHL, 2002).

2.3– Religião, território e territorialidade.

A apropriação, o controle de alguns espaços pelos grupos, através da prática religiosa dos crentes, é o ponto central dessa temática. Onde de acordo com Rosendahl (2002, p.59) são territórios os espaços que foram apropriados efetiva ou efetivamente, e territorialidade, é o conjunto das práticas desenvolvidas pelas instituições ou grupos, para controlar um determinado território.

Ao geógrafo, cabe identificar, segundo Rosendahl (1994, p. 25) “os padrões espaciais que refletem as expressões materiais e simbólicas de grupos religiosos em sua territorialidade, nos diferentes contextos sociais”.

Sopher(apud Rosendahl, 1994, p. 25), trata as religiões como grupos culturais e apresenta uma classificação para elas em dois grandes grupos: as étnicas e as universalizantes. A primeira refere-se a uma comunidade de pessoas ligadas a um mesmo lugar. Enquanto que, as universalizantes, são aquelas em que sua crença, mensagem e doutrina, são para todas as pessoas. Elas não estão

ligadas a um lugar específico, mas a partir do lugar onde surgiram difundem-se por todo o planeta. São três as religiões universalizantes: o cristianismo, o islamismo e o budismo.

III - MOVIMENTO DOS FOCOLARES.

Antes de iniciar a abordagem sobre o Movimento dos Focolares, este Movimento católico, que está dentro do Cristianismo, religião universalizante, faz-se necessário compreender o significado dos Movimentos para a Igreja Católica. Os Movimentos católicos como a Renovação Carismática Católica, Comunidade de Santo Egídio, Legião de Maria e Movimento dos Focolares, constituem-se caminhos diferentes uns dos outros, pois cada um possui suas particulares formas de expressão e atuação, mas que visam ajudar os leigos (operários, professores, políticos, motoristas, donas de casa e outros), a viver o Evangelho com autenticidade e radicalidade, onde se encontram, renovando as realidades dos mundos da economia, do trabalho, da política, do direito, da saúde, da escola, da arte, enfim todos os ramos sociais.

Uma particularidade do Movimento dos Focolares é a vida de seus membros possuírem como modelo a vida dos primeiros cristãos. Este modelo de vida está presente na origem do Movimento, quando colocam os bens em comum, e, a expressão maior desta comunhão de bens é a Economia de Comunhão, a qual apresenta um caráter ligado às realidades sociais e econômicas atuais, que é uma expressão que visualiza o passado do cristianismo, uma vez que os primeiros cristãos já vivenciavam essa comunhão material de acordo com a realidade daquele momento histórico.

Deteremo-nos, ao longo desse trabalho, mais profundamente, no Movimento dos Focolares, procurando penetrar na cultura desse grupo, compreendê-la, perceber como os membros vêem o mundo, quais seus objetivos. Para isso, de acordo com Claval (1997), é importante a experiência de vida dos

membros. Investigaremos sua origem, difusão de sua cultura, os centros de irradiação, centros de convivência e formas de atuação. Iniciemos com a sua origem.

3.1- Origem do Movimento dos Focolares.

“A pena não sabe o que deverá escrever.
O pincel não sabe o que deverá pintar.
O cinzel não sabe o que deverá esculpir.
Do mesmo modo, quando Deus se serve de uma criatura, para fazer surgir na igreja, uma obra sua, ela não sabe o que deve fazer. É um instrumento.
Creio que este deve ser o meu caso “. (LUBICH, 1988, p.9)

Essas são palavras de Chiara Lubich, fundadora e presidente do Movimento dos Focolares, e exprimem como ela se sente, aos 23 anos, em 1943, ao começar um Movimento católico que hoje está difundido em 182 países, dos cinco continentes.

A história do Movimento dos Focolares inicia-se quando em 1943, em plena II Guerra Mundial, com a morte sempre diante de si, Chiara e algumas amigas, depois de verem todos os seus ideais serem destruídos pela guerra, decidem viver por um ideal que nenhuma bomba poderia destruir: Deus.

Depois de ter escolhido Deus como ideal de sua vida, Chiara foi fundamentando a vida dos primeiros tempos do Movimento sobre a vivência do evangelho. E neste início do Movimento foi presente a figura de pessoas necessitadas de bens materiais frente à Guerra.

“...para nós foi como um ‘grito de guerra’... porque entendemos que no pobre existe uma típica presença de Cristo. Portanto, a percorrer toda a cidade, nos momentos possíveis, quando não soavam os alarmes, à procura dos pobres da cidade, para aliviar a Jesus que neles vivia. Lembro-me que, apesar da guerra, recebíamos muitas coisas: roupa, cobertores, farinha, leite em pó, lenha, todos os dias, com as sacolas cheias íamos levar aos pobres...” (LUBICH, 1988, p.17)

O estilo de vida de Chiara, baseado na escolha de Deus, no amor recíproco e na vida das palavras do evangelho, provocou em Trento, cidade do norte da Itália, um grande impacto, pois, depois de dois meses após ter iniciado essa nova vida, Chiara podia contar com quinhentas pessoas, vivendo como ela, dividindo os bens materiais e espirituais. Era o início da cultura da partilha, antídoto à cultura do ter, que mais tarde se concretizará na Economia de Comunhão na Liberdade.

3.2- Objetivo do Movimento dos Focolares e sua difusão espacial.

Chiara explica em 1977, em uma entrevista:

“Hoje o mundo está à beira de uma catástrofe universal em razão da existência de blocos políticos inconciliáveis. Pois bem, penso que Deus, além de tudo aquilo que a providência faz surgir neste século para o bem da igreja e da humanidade, tenha suscitado o Movimento dos Focolares, para repetir em alta voz, com a vida e com todos os meios a divina palavra: ‘unidade’. Portanto, a unidade é a idéia central do movimento”. (LUBICH, 1988, p.27)

Assim, a palavra-chave do Movimento dos Focolares é Unidade, unidade entre as pessoas, as gerações, os povos, os cristãos de várias confissões e entre as religiões. Portanto, o objetivo do Movimento é contribuir para que a humanidade se torne uma única família. E é esse anseio que provocará a difusão do Movimento, assim como suas ações sociais concretas, e a abertura a todos aqueles que se identificam com seu objetivo. Abertura esta que se explica pelo fato do Movimento dos Focolares ter surgido dentro de uma religião universalizante, o cristianismo, ele também se apresenta como uma mensagem de escala universal.

Com o objetivo de concretizar a Unidade, vivendo-a todos os dias e começando com a mudança de si mesmo e conseqüentemente também nas pequenas coisas, o Movimento alcançou rapidamente toda a Itália. E, em 1958, estava presente em todos os países da Europa. O Brasil foi o primeiro país a receber

o ideal do Movimento dos Focolares fora do continente europeu. Na década de 1960, a América do Norte e a África, também receberam o ideal de Chiara. E nos anos seguintes, Ásia e Oceania. Atualmente está presente em 182 países, com um total de 4,5 milhões de pessoas entre membros, simpatizantes e aderentes. (www.focolares.org.br).

Para realizar a fraternidade universal, a Espiritualidade da Unidade, é vivida por pessoas de diferentes convicções, além de católicos, também por várias igrejas e comunidades cristãs (entre os quais ortodoxos, anglicanos, luteranos, evangélicos e reformados).

Aderiram à Espiritualidade da Unidade pessoas de outras religiões, judeus, muçumanos, budistas, hinduístas, taoístas e animistas.

A idéia de Unidade entre as várias religiões contraria Sopher (apud Rosendahl, 1994, p. 29), quando ele fala sobre a intolerância religiosa existente entre sistemas religiosos, pois mesmo se os grupos religiosos possuem suas verdades e as reivindicam como única, é verdade também que esses grupos por serem religiosos possuem idéias comuns como a regra de ouro: “faça aos outros aquilo que gostaria que fosse feito a você”. E são essas idéias comuns, que torna possível que, ao invés de hostilidades entre os grupos, haja a cooperação.

Existem ainda pessoas com convicções não-religiosas, que se sentem atraídas pelas iniciativas e valores comuns difundidos, como a solidariedade, a paz, a unidade seguindo suas exigências mais profundas.

3.3- Centros de irradiação e organograma do Movimento dos Focolares.

Focolares, que são os centros de irradiação da espiritualidade da Unidade, são casas onde residem os focolarinos, as focolarinas, pessoas consagradas de várias nacionalidades, ou regiões nacionais, que deixaram casas, famílias, trabalhos, tudo, para se dedicarem à Unidade, a fraternidade universal. Focolare é a célula central, onde tudo começou e para onde tudo converge. São os focolarinos, e as focolarinas que orientam e assistem as outras ramificações ou setores.

Os focolarinos casados são pessoas que se desapegam espiritualmente de todas as coisas, vivem com suas famílias, trabalham normalmente, não que os focolarinos virgens não trabalhem, eles se auto-sustentam, mas é um trabalho a serviço do carisma da Unidade, com total desapego se caso precise mudar de país, região ou cidade.

Depois dos focolarinos, vem em relevo o setor dos voluntários e voluntárias, pessoas adultas, que vivem o carisma da Unidade em seu trabalho, nas suas casas, são casadas ou não.

O setor jovem do movimento, chama-se Movimento Gen, Geração Nova, abrange dos bebês, gen 5 (crianças cujos pais são membros do movimento); as crianças que são os gen 4, não necessariamente os pais são membros do movimento; os adolescentes que são os gen 3; e os jovens que são os gen 2. A característica deste setor é que cada um de acordo com as exigências próprias da idade, vivem para construir o “mundo unido”. Desta forma, traduz-se a Unidade para o Movimento Gen.

Mesmo o Movimento sendo prioritariamente constituído por leigos, dele participam milhares de padres, freiras, monges e até mesmo bispo.

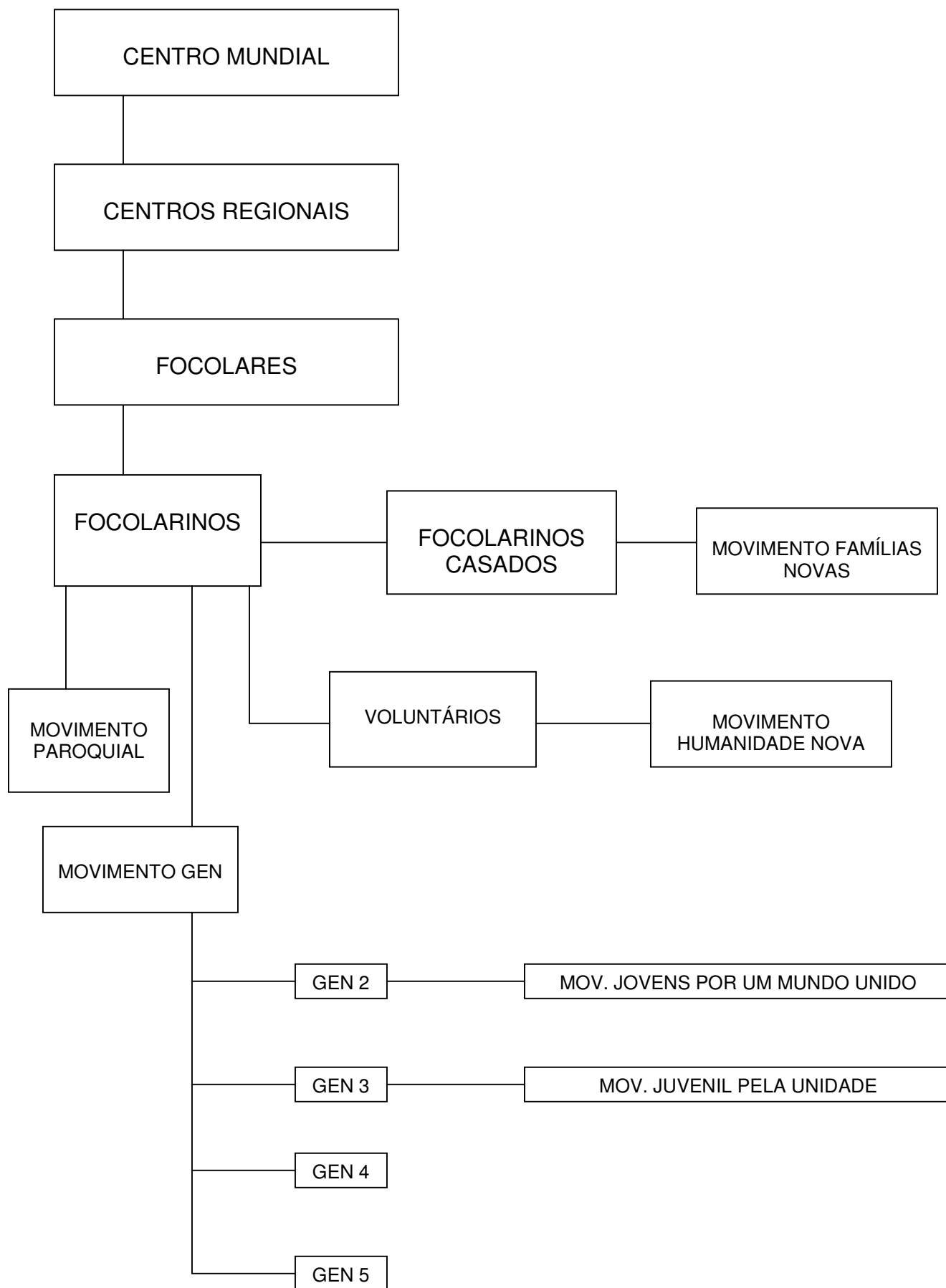
Uma outra característica é a participação de outras pessoas nestes setores, de igrejas cristãs, e mesmo de outras religiões. Contudo, a maior parte dos membros é católica.

Existem ainda, os movimentos de largo alcance, compreendidos como os setores do Movimento com amplo raio de influência, deles fazem parte católicos, pessoas de outras igrejas cristãs, de outras religiões, e pessoas sem um referencial religioso, mas que se identificam com os valores de paz, solidariedade, unidade entre os povos. Estes movimentos são: Movimento Famílias Novas, para a unidade das famílias; Humanidade Nova, para a renovação social; Paróquias Novas, no âmbito eclesial; Movimento Jovens por um mundo unido, para os jovens; e o Movimento Juvenil pela Unidade, para os adolescentes.

A maior instância do Movimento é o Centro Mundial, localizado em Roma-Itália, o qual é dirigido pela presidente do Movimento e demais membros; seguido pelos Centros Regionais, uma vez que cada país é subdividido em regiões, onde se encontram os responsáveis regionais e demais membros; e cada região do Movimento é constituída por vários focolares.

A seguir, pode-se observar o organograma do Movimento dos Focolares.

Organograma do Movimento dos Focolares



3.4- Espaços para congregação.

O Movimento realiza alguns congressos mundiais em Roma, seu centro mundial, e nos centros de convergência regionais e locais. São eles:

Genfest: é um festival mundial da juventude realizado a cada cinco anos, desde 1975, em Roma, reúne jovens de todos os continentes com o objetivo de serem protagonistas do mundo unido, através de trocas de experiências de vida e lançamento de projetos concretos.

Familyfest: para as famílias, o último congresso, em 2005, foi realizado com conexão via satélite two-ways. Roma, São Paulo e Manila foram escolhidas como cidades sedes principais, interagindo através de imagens e sons. O Familyfest realizou-se simultaneamente em outras 100 cidades, e foi transmitido por diversas emissoras de TV, atingindo quase um milhão de espectadores no mundo, e milhões de participantes. O objetivo foi dar visibilidade à família, e seus valores como a partilha, fraternidade, hospitalidade, solidariedade, tolerância, diálogo, respeito, amor e paz. Outros Familyfest foram realizados em 1985 e 1993, com o mesmo objetivo.

Supercongresso Gen 3: festival mundial para os adolescentes, em 1997, em Roma, reuniu mais de oito mil adolescentes, de mais de 200 países, teve por título “Mundo 2000, Mundo de Unidade”, foi patrocinado pela UNESCO e pelo ministério da Instrução Pública Italiana.

Mariápolis: congressos anuais que se realizam em cerca de 70 países, dos cinco continentes, com a participação de aproximadamente cem mil pessoas. São momentos importantes para a formação à paz e à unidade, particularmente em regiões de conflitos.

3.5- Meios de difusão da cultura da Unidade.

Segundo Paul Claval, a cultura se perpetua através da transmissão de saberes, e a forma mais eficaz é através dos meios de comunicação. “(...) a escrita permite fazer chegar as mensagens muito longe, o que favorece a difusão de conhecimentos formalizados...dos textos que veiculam religiões ou ideologias” (CLAVAL, 1997, p. 112)

A cultura da Unidade é difundida e alimentada de vários modos, por publicações, por manifestações artísticas, por cursos de formação, entre os quais:

Nova Humanidade(Revista Abba): revista bimestral de cultura. A partir da espiritualidade do Movimento estão se delineando novas linhas de pensamento teológico, filosófico e social, que nela são publicadas desde janeiro de 1996.

Cidade Nova: revista de opinião. A revista é publicada no mundo inteiro, em outras 37 edições, além da primeira, que nasceu na Itália, Cittá Nuova. São revistas quinzenais, mensais ou bimestrais criadas e editadas em 24 idiomas, entre os quais: Árabe, Catalão, Chinês, Coreano, Croato, Dinamarquês, Eslovaco, Esloveno, Holandês, Japonês, Romeno, Urdu.

Palavra de Vida: folheto mensal, escrito por Chiara Lubich, com comentário espiritual-teológico de uma frase da Sagrada Escritura, e orientações para traduzi-la em vida. Publicada em 85 idiomas, com uma tiragem de mais de três milhões de cópias aproximadamente, e transmissões radiofônicas e televisivas com uma audiência de catorze milhões de pessoas.

Trinta e duas editoras: em vários países publicam mais de 300 títulos por ano. No Brasil, existe a Editora Cidade Nova.

Dois Grupos artístico-musicais internacionais: Gen Verde e Gen Rosso, possuem uma vasta atividade discográfica e de espetáculos.

Curso: de Teologia, Ecumenismo, Diálogo inter-religioso e disciplinas sociais, que se realizam anualmente em diversos países.

Esses são os meios de difusão da cultura da Unidade, e há as iniciativas de solidariedade que o Movimento promove, seja em escala global, ou local, mas antes gostaríamos de mencionar uma outra realidade presente no Movimento dos Focolares.

Mariápolis permanentes*: são os centros de convergência internacional, nacional, regional e local. São pequenas “cidades”, propondo o modelo de uma nova sociedade, com casas, escolas, indústrias, cuja única lei é o amor recíproco-evangélico, com a conseqüente plena comunhão de riquezas culturais, espirituais e materiais. Recebem milhares de visitantes todos os anos para encontros de formação espiritual e humana. São 33 nos cinco continentes, das quais três localizam-se no Brasil. Cada “Mariápolis” possui características próprias. A primeira surgiu, em 1965, é internacional, em Loppiano (Florença-Itália), com 750 habitantes, provenientes de mais de 70 países. É um esboço do “mundo unido”, onde se exprime a criatividade da nova cultura planetária que nasce da fusão das riquezas de várias raças e povos.

*As Mariápolis permanentes são os territórios do Movimento dos Focolares, por serem espaços apropriados efetivamente pelos seus membros, pois estes de vários setores residem nas Mariápolis. E através das práticas desenvolvidas nesse território, como os congressos, escolas de formação material e espiritual, as Mariápolis apresentam um caráter de territorialidade do Movimento dos Focolares.

Diante do exposto, podemos constatar que as Mariápolis Permanentes são denominadas de cidades, baseados na afirmação de Zeny (2002, p. 39):

“(...) os pequenos núcleos de povoamento dotados, ainda que periodicamente, de atividades religiosas e comerciais, podem ser definidos como cidades(...)”.

Podemos observar no mapa abaixo a espacialização mundial de algumas das Mariápolis Permanentes:



Fonte: www.focolares.org.br

Na República dos Camarões, Quênia e Costa do Marfim, elas são cidades-modelo, nas quais se faz presente a cultura do Movimento nas sociedades africanas enriquecendo-se da cultura local.

No Brasil, a Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista – SP, e na Argentina, com seus pólos industriais, são modelos da nova “Economia de Comunhão na Liberdade”.

Nas Filipinas, caracteriza-se pelo diálogo com as grandes religiões orientais.

A Mariápolis da Alemanha possui um timbre ecumênico, convivem luteranos e católicos.

Nos arredores de Nova Iorque, encontra-se a Mariápolis Luminosa, que procura ser modelo do diálogo entre raças e culturas diferentes.

3.6- Fundos de participação e sustentação do Movimento dos Focolares.

De acordo com a socióloga Vera Araújo (1998, p. 17), a Espiritualidade da Unidade, exige que a própria contemplação se torne ação, que se encarne na vida concreta, individual e coletivamente. Assim, enquanto expressão de espiritualidade intensa –em todos os recantos da Terra, onde o Movimento está presente- das exigências do amor, nascem as obras. É esse tornar ação, que explica as iniciativas de solidariedade do Movimento possuem como característica a “reciprocidade” entre quem dá e quem recebe, dando início a um processo criativo de promoção humana. Algumas das iniciativas:

Adoção à distância: famílias padrinhas ajudam, ou financiam a educação e o desenvolvimento de 14 mil crianças, em 45 países.

Fundo Mundo Unido: constituído pelo Movimento Jovens por um Mundo Unido, em 1995, com o qual atualmente sustentam 30 mini-projetos de promoção humana em diversas partes do mundo.

New Humanity (Nova Humanidade): é reconhecida pelo Conselho Econômico e Social da ONU, como organização não-governamental.

Time-Out: um minuto de silêncio ou oração pela paz, no mesmo momento, em todas partes do mundo (meio-dia na Europa, oito horas no Brasil). Lançado em 1991, em plena Guerra do Golfo, o “time-out”, continua reunindo, a cada dia milhares de pessoas no mundo inteiro.

Apelo à unidade dos povos: em 1988, durante o congresso internacional de Humanidade Nova, “Uma cultura de paz para a unidade dos povos”, em Roma, Chiara Lubich convidou todos os participantes a “amar a pátria alheia como a própria”.

Iniciativas locais, que promovem a paz e a união entre os povos, especialmente onde existem divisões, por exemplo, entre judeus e muçulmanos em Jerusalém; turcos e alemães, em Soligem; cristãos e muçulmanos, no Líbano; entre povos e grupos étnicos na África; sérvios, croatas e bósnios nos conflitos regionais; brancos e negros na África do Sul. De todas as regiões do mundo, uma ajuda concreta foi dada para aqueles que sofrem pelas guerras, catástrofes naturais, situações dolorosas devido ao subdesenvolvimento.

Economia de Comunhão na Liberdade: projeto econômico criado em 1991, com a visita de Chiara Lubich à Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista – SP, diante do dramático quadro social no Brasil, Chiara sentiu a exigência de fazer algo. Assim escreveu em seu diário:

“...erradicar a ‘coroa de espinhos’, como o cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, chama o cinturão de pobreza e miséria que

circunda a cidade repleta de arranha-céus...”. “(...) Se São Paulo, em 1890, era uma vila, e agora é uma floresta de arranha-céus, podemos ver o que é capaz de fazer o capital nas mãos de alguns e a exploração de muitos. Por que – perguntou-se – tamanha potência não se orienta a solução dos imensos problemas do Brasil? Porque falta o amor ao irmão, porque domina o cálculo, o egoísmo... Precisamos crescer até o ponto em que o bem caminhe por si. A esperança existe – ou melhor – a certeza”.

Diante desta constatação, três fatores impulsionaram Chiara a lançar o projeto: a prática contínua da comunhão dos bens no Movimento, a exemplo das primeiras comunidades cristãs; a existência das Mariápolis permanentes, verdadeiros laboratórios nos quais experimenta-se o que seria uma sociedade regida pelos princípios evangélicos; e a Encíclica Centesimus Annus, na qual o Papa João Paulo II convida à solidariedade também num sistema econômico com dimensão planetária. Assim, amadureceu na mente de Chiara o projeto **Economia de Comunhão na Liberdade**, ponto de passagem da comunhão dos bens dentro de um sistema econômico. Trata-se da criação ou reestruturação de empresas, pequenas ou grandes, entendidas como comunidade de pessoas, cujos proprietários livremente distribuem os lucros de acordo com o novo critério.

O critério é a distribuição dos lucros para três finalidades: 1) Consolidação da empresa com justos salários e respeito às leis vigentes; 2) ajuda aos necessitados e criação de postos de trabalho; 3) sustento e estruturas aptas para formar homens capazes de viver a cultura da solidariedade, a cultura da partilha. Essa idéia concretizou-se primeiro no Brasil, e posteriormente difundiu-se pelo mundo.

VI - MOVIMENTO DOS FOCOLARES NO BRASIL E A ECONOMIA DE COMUNHÃO.

4.1- O Movimento dos Focolares no Brasil.

O Movimento dos Focolares difundiu-se no Brasil a partir da cidade de Recife, no ano de 1958, quando quatro focolarinas e quatro focolarinos italianos migraram da Europa para o Brasil. Este foi o primeiro país extra-europeu a receber a espiritualidade da Unidade.

Ginetta Calliari, uma das quatro focolarinas citadas, foi a responsável pela difusão do Movimento dos Focolares no Brasil. A seguir, ela mesma narra o momento de sua chegada:

“Quando cheguei em Recife foi um choque ver a desigualdade social, a divisão entre ricos e pobres, a discriminação, a fome que transparecia nos rostos, a miséria...Disse a mim mesma, aqui não é possível ficar numa atitude passiva. Alguma coisa deve mudar. O que deve mudar? O homem. Pensei: é preciso homens novos para que nasçam estruturas novas e, conseqüentemente, cidades novas, um povo novo.(...)O nosso compromisso é testemunhar Deus, presente numa comunidade de pessoas prontas a dar a vida umas pelas outras(...). Não um Deus abstrato, relegado aos céus, mas aquele que aprendemos a ‘gerar’ entre nós, vivendo as palavras de Jesus: ‘Onde dois ou três estão reunidos no meu nome, eu estou no meio deles’”. (mimeo).

Ginetta e outros focolarinos passam a difundir a cultura do amor através de suas vidas, e a partir do contato que eles tiveram com pessoas sensíveis a esse novo estilo de vida surgem os primeiros grupos do Movimento dos Focolares em Recife, e depois se difunde por todos os estados do nordeste e os demais estados do Brasil.

A história da difusão do Movimento no Brasil está ligada direto à pessoa de Ginetta Calliari, pois mesmo ela não percorrendo pessoalmente todos os lugares

brasileiros onde o Movimento está presente, ela os acompanha da sua origem ao desenvolvimento de todas as características que o Movimento possui (seus setores, iniciativas de solidariedade, difusão da cultura da Unidade através de publicações e outras).

O Brasil possui 45 centros de irradiação da espiritualidade da Unidade, no âmbito do movimento chamados de Focolares, que estão presentes nas seguintes capitais: Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, João Pessoa, Recife, Maceió, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Vitória, Brasília, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Existe ainda, em Bauru-SP, e nas cidades onde se encontram as Mariápolis permanentes: “Ginetta” (antes se chamava Araceli, mas após a morte de Gintetta Calliari, em 2001, que habitava ali, recebe seu nome em homenagem). Localiza-se em Vargem Grande Paulista-SP; “Santa Maria”, está localizada em Igarassu-PE; “Glória”, localizada em Benevides-PA.

Além das Mariápolis Permanentes, o Movimento possui como centros de convergência, os Centros Mariápolis, locais de formação para os seus membros, pois nestes centros são realizados os retiros, escolas de formação, congressos, tudo com o objetivo de formar homens novos, permeados pela mentalidade evangélica. No Brasil, são cinco. Três deles localizados nas Mariápolis permanentes (respectivamente, em Igarassu-PE, para a Região Nordeste; Vargem Grande Paulista-SP, para a Região Sudeste; e Benevides-PA para os Estados da Região Norte); e outros dois em São Leopoldo-RS, para a Região Sul; e Manaus-AM, para a Amazônia Ocidental.

Esses centros de formação objetivam formar, como já citado, homens novos, pessoas que põem em prática as palavras do Evangelho. A prática de fazer o Evangelho tornar-se vida está presente nas origens do Movimento dos Focolares,

quando Chiara e as suas companheiras colocavam em comum o desnecessário para doar aos necessitados. Esta comunhão de bens está presente até os dias atuais. Os membros do movimento continuam a realizá-la em todos os setores, da escala local à global.

Mas, é no Brasil que a comunhão de bens constitui o ponto de partida para a Economia de Comunhão, a qual será abordada a seguir.

4.2- Caminhos da Economia de Comunhão no Brasil.

A Economia de Comunhão (EdC) surge em maio de 1991, momento em que Chiara Lubich está visitando o Movimento dos Focolares no Brasil.

Em um encontro com a comunidade local brasileira, Chiara perplexa pelas desigualdades sociais nacionais, onde poucas pessoas são riquíssimas e a grande maioria é paupérrima, e sabendo que milhares de membros do Movimento no Brasil estavam entre essas paupérrimas, e que a comunhão de bens realizada entre os membros do Movimento não estava conseguindo suprir as necessidades dessas pessoas, ela propõe como solução o aumento das receitas, através do surgimento de empresas administradas por pessoas competentes que as façam funcionar com eficiência obtendo lucros para posterior divisão.

A novidade da EdC é esta: dividir o lucro em três partes iguais. Uma para incrementar a empresa; outra para ajudar as pessoas necessitadas, para que vivam de um modo mais digno enquanto não estão trabalhando, ou então lhes oferecendo empregos nas empresas da EdC; a última é destinada a desenvolver estruturas visando a formação de homens e mulheres imbuídos da “cultura da partilha”.

Assim, a finalidade da EdC, o objetivo pelo qual nasceu, está no seu nome, como diz Chiara(2001, p. 4) “Uma economia que se ocupe da comunhão entre os homens e da partilha dos bens”.

Tal comunhão, refere-se àqueles homens que doam as suas necessidades e àqueles que doam os seus bens, colocando-os à disposição das empresas vinculadas à EdC para que não haja mais quem passa necessidades, dificuldades, entre os membros do Movimento dos Focolares.

A partilha dos bens, dentro do Movimento, é inspirada na vida dos primeiros cristãos, “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. E não havia entre eles necessitado algum” (LUBICH, 2001, p. 5). Portanto, no âmbito do Movimento não deve existir os que não têm os bens necessários para viver e os que possuem em abundância.

E a EdC é o amadurecimento dessa cultura da partilha, pois renova as relações econômicas.

A cultura da partilha, por sua vez, é um antídoto para a “cultura do ter”, do possuir egoísta, sem necessidade. Ela é possível devido a uma cultura mais ampla, a “cultura do amor”, do amor evangélico, pois foi através das palavras do Evangelho que no Movimento compreendeu-se o que é doar. “Dai e vos será dado, será derramado em vosso regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante” (LUBICH, 2001, p. 8).

Esse doar evangélico é bem diferente de outros doar que não criam mentalidade nova, como descreve a socióloga Vera Araújo, a seguir:

“Existe um ‘dar’ contaminado pela vontade de poder sobre o outro, que busca a dominação e mesmo a opressão de indivíduos e povos.

Existe um 'dar' que busca a satisfação e o prazer no próprio ato de dar(...) é uma expressão egoísta de si e em geral percebida por quem recebe como humilhação e ofensa.

Existe um dar utilitarista, interessado, presente em certas tendências atuais e neoliberalismo, que(...) busca o proveito próprio, o lucro próprio.

Existe por fim o 'dar' que nós cristãos chamamos evangélico. Esse 'dar' abre-se ao outro -indivíduo ou povo- e busca-o respeitando sua dignidade. Esta inclui usos, costumes, culturas, tradições etc." (ARAÚJO, 1998, p. 19-20).

Esse "dar" de que estamos falando, da EdC, é sem dúvida um doar os bens materiais, concreto, de ajuda imediata a quem está passando dificuldades físicas, financeiras, de moradias, de alimentação. Mas, é também um doar de si mesmo, necessitado ou não, a todas as pessoas, doar um sorriso, a compreensão, o perdão, a atenção, a inteligência, a disponibilidade e as capacidades.

Para atuar e colocar em prática a EdC, é preciso de atores sociais, os quais são os chamados "homens novos", os leigos(mães de família, políticos, economistas, professores, estudantes, motoristas, advogados, entre outros).

Segundo Chiara(2001, p. 13), a EdC tornou-se possível porque nasceu em um contexto cultural especial, nasceu da cultura do amor, que requer comunhão, unidade, e ajuda a visar um mundo novo, a criar um povo novo, com uma cultura nova. Mas, para que a EdC não se bloqueie por falta de homens novos, criou-se as escolas de formação para empresários, economistas, estudantes, e todos aqueles ligados ou interessados na EdC. Elas se realizam nas Mariápolis Permanentes.

As empresas da EdC colocam no centro de suas atividades o homem e o bem comum. Propõem-se em fazer da atividade econômica um lugar de encontro

entre quem tem bens e oportunidades econômicas e quem não as têm. Não se constituindo assim um assistencialismo.

4.3- Características da Economia de Comunhão:

- a) Os sujeitos das empresas da EdC procuram seguir, nas formas exigidas pelo contexto de uma organização voltada para a produção, o mesmo estilo de comportamento que vivem em todos os âmbitos da vida.
- b) A EdC propõe comportamentos inspirados na gratuidade, na solidariedade, e na atenção aos últimos não somente em atividades sem fins lucrativos, mas, principalmente, em empresas nas quais é conatural a busca do lucro, um lucro que é em seguida posto em comum numa perspectiva de comunhão.
- c) As empresas da EdC, além de se apoiarem num profundo entendimento entre os promotores de cada uma delas, sentem-se parte de uma realidade mais vasta, na qual já se vive uma experiência de comunhão. Elas se desenvolvem em pequenos (pelo menos por hora) “pólos industriais” nas proximidades das Mariápolis, ou se estão geograficamente distantes, unem-se a elas idealmente.
- d) Aqueles que se encontram em dificuldades econômicas, destinatários de uma parte do lucro, não são considerados “assistidos”, nem beneficiários da empresa. São membros essenciais ativos do projeto, dentro do qual dão aos outros as próprias necessidades. Vivem, também eles, a cultura do dar. De

fato, muitos deles renunciam à ajuda que recebem tão logo recuperam um mínimo de independência econômica. E outros partilham o pouco que têm com aqueles ainda mais necessitados.

- e) Na EdC, a ênfase, na verdade, não é a filantropia por parte de alguns, mas antes, à partilha, na qual cada um dá e recebe com igual dignidade.

Podemos nos perguntar, diante do exposto, como as empresas da EdC sobrevivem num sistema econômico super competitivo, onde as empresas visam apenas o lucro. Chiara diz que é o espírito de comunhão que as anima, que colabora para que vençam muitos conflitos internos que dificultam e, em certos casos, paralisam qualquer organização humana. Além do que, o modo de agir das empresas da EdC atraem a confiança e a benevolência de clientes, fornecedores e financiadores. Também não se pode esquecer outro elemento essencial, as empresas dão espaço ao seu sócio invisível, a intervenção de Deus. (LUBICH, 2003, p. 350-351)

4.4- Informações sobre as empresas da Economia de Comunhão.

A EdC tornou-se realidade não apenas no Brasil, mas por ser resultado de um Movimento que é internacional, difundiu-se por vários países e continentes, conseguindo ajudar cerca de 12 mil pessoas no mundo.

A tabela abaixo, apresenta o desenvolvimento da EdC durante os seus treze primeiros anos:

Tabela da evolução do número de empresas que aderiram à EdC

Continente	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Europa	132	161	208	336	430	448	477	478	469	481	486	469	455
Ásia	10	19	23	23	32	37	35	36	38	40	47	42	42
África	-	1	2	6	14	11	15	11	13	9	9	9	4
América	99	144	166	184	220	244	220	221	217	224	230	269	250
Oceania	1	3	3	5	7	7	7	15	15	15	6	8	5
Total	242	328	402	554	703	747	754	761	752	769	778	797	756

Fonte: www.edc_online.org

Quadro das Empresas por setores da Economia de Comunhão.

As empresas da EdC abrangem os diversos setores da economia, que são:

Comércio	Alimentação	28
	Automóveis	4
	Decoração	10
	Livros	10
	Material de informática	3
	Material de saúde	16
	Moda	25
	Outros	55
	Total	151
Produção	Agricultura	27
	Alimentação	34
	Artesanato	3
	Construção civil	28
	Decoração	16
	Industria gráfica	8
	Industria mecânica	16
	Material diverso	27
	Moda	14
	Plásticos	7
	Vídeo	4
	Outros	7
	Total	191

Serviços	Advocacia	6
	Consultoria	93
	Contabilidade	8
	Educação	36
	Eletricidade	7
	Eletrônica	1
	Fotografia	3
	Imobiliária	3
	Informática	21
	Manutenção	17
	Projetos	18
	Restauração	2
	Saúde	59
	Telefonia	1
	Transportes	3
	Turismo	19
Outros	92	
Total	389	
<hr/>		
Outros Setores	25	
<hr/>		
Total empresas	756	

Fonte: www.edc_online.org

4.5- Empresas da Economia de Comunhão no Pará.

O Movimento dos Focolares está presente no Estado do Pará desde a década de 1960, quando foi consolidado o primeiro grupo de membros e o primeiro focolare da região Amazônica, em Belém-PA.

O Estado apresenta as características essenciais do Movimento dos Focolares inclusive aquelas necessárias ao desenvolvimento das empresas da EdC. Algumas das empresas surgiram como resposta ao projeto, ou seja, foram planejadas com este fim. Outras aderiram ao projeto, adaptando-se as suas estruturas.

O Pará conta hoje com cinco empresas que são:

- Kidelícia Ind. e Comércio Ltda. (Benevides-PA)

- Livraria e Papelaria Rastro de Luz. (Castanhal-PA)
- Farmácia São Francisco - medicamentos e perfumaria. (Castanhal-PA)
- Livraria do Contador. (Belém-PA).
- Vânia do Socorro Silva Mendonça Escritório de Contabilidade. (Belém-PA).

CONCLUSÃO

A Economia de Comunhão ampliou para uma esfera macro a comunhão de bens realizada entre os membros do Movimento dos Focolares. Nascendo no Brasil, ela demonstra como a desigualdade social e econômica marcam nossa paisagem. Mas, o Brasil não é um país privilegiado pelas desigualdades, elas estão presentes em muitos outros, também por essa razão a EdC torna-se mundial.

A EdC fez em 2006 quinze anos, nestes anos, ela cresceu e se desenvolveu pelos continentes. Em algumas regiões do Movimento dos Focolares, ela apresenta amplo desenvolvimento como na região da Mariápolis Ginetta (Vargem Grande Paulista-SP), com o seu pólo industrial “Spartaco”, que possui empresas de confecções a produtos farmacêuticos. Outros países possuem pólos também consolidados, como é o caso da Argentina e, alguns em fase de consolidação, como em Florença-Itália.

A região amazônica apresenta dentro do desenvolvimento da Economia de Comunhão, uma característica de desenvolvimento futurista. O Estado do Pará, mesmo se possui apenas cinco empresas, é o que possui maior número de empresas da EdC na Amazônia. A última a aderir à EdC foi a Livraria “Rastro de Luz”, localizada em Castanhal-PA. Enquanto que, a Kidelícia Ind. e Com. Ltda é a única empresa localizada no futuro pólo industrial da Mariápolis Glória (Benevides-PA).

As empresas do Pará, assim como todas da Amazônia, destinam os lucros para o Centro Regional do Movimento, este, por sua vez, repassa ao Centro Mundial, onde de acordo com a necessidade das Regiões mundiais repassa a ajuda aos necessitados e, para a construção das estruturas da formação de “homens

novos”. As estruturas são construídas ou ajudam a consolidar as Mariápolis permanentes ou centros mariápolis, locais de convergência do Movimento, onde acontecem os encontros de formação dos homens novos.

Contudo, retornando à realidade paraense, estão surgindo outras empresas na Mariápolis Glória, que futuramente se tornarão da EdC, pois no momento elas estão se estruturando físico e economicamente, por esta razão, ainda não aderiram ao Projeto. Mas, é importante salientar que na Mariápolis Glória há um espaço destinado para o futuro pólo industrial, que hoje conta com a Kidelícia Ind. e Com. Ltda.

BIBLIOGRAFIA:

ANTÔNIO, Ruth Helena Soares Rosa. **Um novo modelo de gestão empresarial: EdC**. Belém-PA, 2005. Monografia (Especialista em Gerência Contábil, Auditoria e Controladoria)- Instituto Brasileiro de Pós Graduação e Extensão. Faculdade Internacional de Curitiba.

ARAÚJO, Vera. Economia de Comunhão e comportamentos sociais. In: COSTA, RUI, et al. **Economia de Comunhão: projeto, reflexões e propostas para uma cultura da partilha**. Tradução: José de Almeida, João Batista Florentino, Rui Costa. 2ª ed. São Paulo: Cidade Nova, 1998. p. 9-20.

_____. Que pessoas e sociedade para a Economia de Comunhão. In: BRUNI, Luigino. Org. **Economia de Comunhão: uma cultura econômica em várias dimensões**. Tradução: Theresa Cristina F. Stummer. Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2002. p. 21-30.

Autor desconhecido. **Ginetta Calliari: A edificação de uma obra no Brasil**. (mimeo)

BENITES, Marcelo Riella. **Um abraço planetário das famílias**. São Paulo: Revista Cidade Nova, Ano XLVII, n. 4, p. 18-20, abr. 2005.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de, CORRÊA, Roberto Lobato, GOMES, Paulo César da Costa. Orgs. **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-115.

CORRÊA, Roberto L. ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: _____. Orgs. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 9-18.

GALLAGHER, Jim. **Chiara Lubich: uma mulher e sua obra**. Tradução: Roberto Sebok, Neusa Sebok. Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 1998.

GUSMÃO, Heloísa Rios; Miranda, José Luís Carneiro. **Os caminhos do trabalho científico: orientação para não perder o rumo**. Brasília: Briquet de Lemos, 2003.

LUBICH, Chiara. **Chiara Lubich e o Movimento dos Focolares**. Tradução: Theresa Stummer. 2ª ed. São Paulo: Cidade Nova, 1988.

_____. **Quatro aspectos essenciais da Economia de Comunhão**. Discurso aos participantes da Escola de Economia de Comunhão. Castelfandolfo, 05 abril 2001.

_____. A experiência da Economia de Comunhão: da espiritualidade da Unidade, uma proposta de agir econômico. In: BRUNI, Luigino. Org. **Economia de Comunhão: uma cultura econômica em várias dimensões**. Tradução: Theresa Stummer. Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2002. p. 13-19.

_____. O carisma da unidade e a economia. In: _____. **Ideal e luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido**. Michel Vandelleene. Org. Tradução: Irami B. Silva. São Paulo: Brasiliense e Cidade Nova, 2003. p.331-359.

MIKESSEL, Marvin W.; WAGNER, Philip L. (1962). Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. Orgs. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-61.

QUARTANA, Pino. A Economia de Comunhão no pensamento de Chiara Lubich. In: _____. Et al. _____. Tradução: José Maria de Almeida, João Batista Florentino. São Paulo: Cidade Nova, 1992. p. 11-22.

ROSENDAHL, Zeny. A geografia da religião. In: _____. **Porto das caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense**. 1994. cap. I. p. 9-34. Tese (Doutorado em Geografia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

_____. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2^a ed. Rio de Janeiro: eduerj, 2002.

SAUER, Carl O. Geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto L., ROSENDAHL, Zeny. Org. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 19-26.

- Sites consultados:

Economia de Comunhão: www.edc_online.org. Acesso em: mai 2006.

Movimento dos Focolares: www.focolares.org.br. Acesso em: 22 mai 2006.

Movimento dos Focolares: www.focolares.org.br. Acesso em: 25 mai 2006.